



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 22, n. 1, p. 1-23, jan.-dez. 2021
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2021v22i1:e67530>

TRADUÇÃO | TRANSLATION

A teoria das emoções I: atitudes emocionais; A teoria das emoções II: o significado das emoções

John Dewey

Tradução

Felipe Nogueira de Carvalho*
felipencarvalho@gmail.com

Apresentação

No campo de estudos da filosofia das emoções, o pragmatismo está bem representado com a teoria somática de William James (1884; 1890), que reserva ao corpo um lugar central na experiência emocional. Na concepção de James, emoções são constituídas por percepções de alterações corporais, e a experiência emocional nada mais é que a experiência do corpo (vísceras, sistema circulatório, movimentos expressivos etc.) se alterando de certa forma conforme a emoção em questão. O medo, por exemplo, seria constituído pela percepção de batimentos cardíacos acelerados, olhos arregalados, respiração ofegante etc. A teoria de James gerou um intenso debate nos anos que se seguiram, e suas ideias foram defendidas e desenvolvidas na contemporaneidade por figuras ilustres como o neurologista português Antonio Damasio (1994) e o filósofo estadunidense Jesse Prinz (2004).

No entanto, poucos sabem que outra figura ilustre do pensamento pragmatista, John Dewey (1859-1952), também desenvolveu suas próprias reflexões sobre a estrutura, a natureza e o significado das emoções e da experiência emocional. Em dois artigos importantes publicados em 1894 e 1895, Dewey dialoga criticamente com duas influentes teorias de emoções de sua época, a de Charles Darwin e a de William James, usando-as como base para desenvolver sua própria teoria original sobre emoções. No primeiro artigo, Dewey procura manter a ideia darwiniana de que a emoção deve ser estudada no contexto da história filogenética de um organismo, a partir de ações que foram adaptativas para seus ancestrais como respostas a certos desafios ambientais. No entanto, Dewey critica Darwin por sua proposta de que as ações adaptativas do organismo (mostrar os dentes na raiva, por exemplo) servem para expressar estados mentais internos (emoções), em vez de analisá-las como movimentos adaptativos em si mesmos. Além disso, também rejeita a ideia darwiniana de que emoções são causalmente anteriores à ação, propondo em seu lugar que elas são constituídas pelo comportamento do organismo em seu meio. “Todas as chamadas expressões de emoção”, escreve Dewey, “devem ser explicadas não por referência à emoção, mas por referência a movimentos que tenham alguma utilidade, seja como sobrevivências diretas ou como distúrbios de coordenações teleológicas” (Dewey, 1895, p. 13).

Recebido em: 11/07/2024.

Aprovado em: 16/08/2024.

Publicado em: 20/09/2024.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

* Universidade Federal de Lavras.

Já no segundo artigo, Dewey expressa concordância com a visão geral de James de que a emoção está inextricavelmente ligada à ação corporificada. Mas discorda da conclusão jamesiana de que a emoção (a percepção do corpo) se segue da ação, ao invés de ser constituída por ela, além de condenar o foco de James nos sentimentos emocionais e não na ação emocional. Como diz Dewey:

Quando dizemos que John Smith está muito ressentido com o tratamento que recebeu, ou está esperançoso de um sucesso nos negócios, ou lamenta ter aceitado uma indicação para o cargo, não queremos simplesmente, ou mesmo principalmente, dizer que ele tem um certo ‘sentimento’ ocupando sua consciência. Queremos dizer que ele está em uma certa atitude prática, assumiu uma prontidão para agir de certas maneiras. (Dewey, 1895, p. 16).

Trata-se de uma teoria original e inovadora, que desfaz uma importante confusão conceitual presente nos trabalhos de Darwin e James. Como um bom pragmatista, Dewey rejeitava veementemente qualquer tipo de dualismo (mente-mundo, mente-corpo, observador-objeto etc.), desenvolvendo ao longo de suas obras uma abordagem naturalista que entendia o domínio do mental como constituído pela adaptação ativa do organismo ao seu ambiente. Dewey via conceitos mentais como “ideias” ou “pensamentos” como ferramentas práticas utilizadas na compreensão do mundo, e não como representações abstratas de uma realidade externa. Em consonância com esta abordagem pragmatista e não-dualista, Dewey identifica nos trabalhos de Darwin e James uma distinção equivocada entre “emoção” (um fenômeno mental e interno) e “expressão”, (o conseqüente comportamental deste estado mental). Segundo Dewey, este é apenas mais um dualismo que nos impede de ver as emoções como o que realmente são: modos de comportamento do organismo em interação com seu meio. Nesta concepção, uma emoção como a raiva não é um estado interno que é subsequentemente expresso por meio de punhos cerrados e gritos. Ao contrário, emoções são ações, experiências constituídas por nossas interações com o objeto intencional da raiva. Ou seja, quando falamos do sentimento de raiva, de punhos cerrados ou de um comentário ofensivo, estamos, na verdade, falando da mesma coisa: um modo prático de se lidar com ofensas e injustiças que foi selecionado pela evolução e moldado por forças culturais. Embora a teoria deweyana não seja mencionada com frequência em desenvolvimentos posteriores na filosofia das emoções, seu foco em ações situadas de um organismo em seu meio como o elemento central para a compreensão das emoções está na base de um movimento teórico recente conhecido como “afetividade situada”, que retoma os preceitos básicos da abordagem pragmatista de Dewey.¹

Em um artigo publicado anteriormente nesta revista (Carvalho, 2022), examinei em detalhes a teoria deweyana de emoções e resaltei sua importância para a resolução de debates contemporâneos sobre o que significa perceber emoções em outras pessoas. Enquanto a maior parte dos modelos teóricos da percepção de emoções mantinha um certo tipo de dualismo entre observador e objeto, a teoria de Dewey nos convida a pensar na percepção de emoções como um tipo de ação, na qual participamos ativamente ao interagir com os outros em situações sociais. Ou seja, perceber “raiva” em alguém não é identificar em um objeto qualidades sensoriais que significam raiva (dentes cerrados, sobrancelhas franzidas etc.), mas sim coordenar nosso comportamento com o outro de forma apropriada ao modo de comportamento da “raiva”. No entanto, os artigos de Dewey que serviram de inspiração para este trabalho ainda estavam indisponíveis em língua portuguesa, uma lacuna significativa para este campo de estudos no Brasil e em outros países lusófonos. Como forma de suprir esta lacuna, apresento aqui, de forma inédita, traduções originais de ambos os artigos de Dewey em que sua teoria de emoções é apresentada e desenvolvida. Como ambos os artigos se complementam e são igualmente fundamentais para a compreensão da teoria deweyana, optou-se pela publicação de ambos em sequência, para que o leitor ou a leitora tenha os recursos completos para se aprofundar nesta teoria.

¹ Ver por exemplo Griffiths & Scarantino (2008), Colombetti (2007), Maiese (2014).

Espero que essas traduções possam se tornar recursos bibliográficos importantes para pesquisas em filosofia das emoções, além de contribuir para o reconhecimento da teoria pragmatista de Dewey como base para o movimento teórico recente de compreender as emoções em termos de ações corporificadas de um organismo em seu meio.

A teoria das emoções I: atitudes emocionais

Nas páginas que se seguem eu proponho, assumindo os princípios de Darwin para a explicação das atitudes emocionais,² e a teoria James-Lange sobre a natureza da emoção,³ estabelecer uma conexão orgânica entre eles, indicando modificações de enunciados exigidas por tal conexão. Essa estreita dependência de resultados já alcançados, aliada à impossibilidade de uma discussão adequada de todos os detalhes nos limites aqui estabelecidos (sem mencionar a disponibilidade imediata da maioria dos detalhes na experiência ordinária), deve ser minha justificativa para a qualidade genérica e até esquemática da discussão. Este trabalho pode ser considerado tanto como um esboço cartográfico de um campo previamente pesquisado, quanto como um possível esquema para preenchimento futuro, e não como uma teoria provada e acabada.

A necessidade de unir as duas teorias pode ser compreendida pelo fato de que a própria frase “expressão de emoção”, assim como o método de Darwin para abordar a questão, já pressupõe a relação entre emoção e ação orgânica periférica, ao assumir a primeira como anterior e a segunda como secundária.

1. Essa suposição, com base na teoria da descarga (como chamarei a teoria James-Lange), é falsa. Se alguém aceitar esta última teoria, cabe a ele encontrar o método adequado para reformular os princípios de Darwin, já que, embora não haja dúvida quanto ao seu significado substancial, pode ser errônea a suposição subjacente sobre a relação entre emoção e distúrbio periférico.⁴

O próprio Professor James não parece ter percebido adequadamente a inconsistência dos princípios de Darwin, conforme este os enuncia, com sua própria teoria; ou a necessária reformulação já teria sido realizada por uma mão muito mais habilidosa que a minha. Pelo menos ele cita, com aparente aprovação, explicações de Darwin que assumem a prioridade da emoção da angústia em relação à contração das sobrancelhas; e até sugere que Darwin não faz o suficiente para reconhecer o princípio de reagir de maneira semelhante a estímulos que provocam sentimentos⁵ análogos.⁶ Certamente, se a concepção de James sobre a origem da emoção for verdadeira, a afirmação de que reagimos de maneira semelhante a estímulos que provocam sentimentos semelhantes deve ser traduzida para a afirmação

2 Ver Darwin (1872) (Nota do tradutor).

3 Ver Lange & James (1922) (Nota do tradutor).

4 Embora a linguagem de Darwin seja a da dependência da “expressão” em relação à emoção, é interessante notar que é possível, a um observador cuidadoso, antecipar e enunciar definitivamente a teoria da descarga em *A Expressão das Emoções* (1872, p. 239) (Minhas referências são à edição americana.): “A maioria de nossas emoções está tão intimamente ligada à sua expressão que dificilmente podem existir se o corpo permanecer passivo – a natureza da expressão depende em grande parte da natureza das ações que foram habitualmente realizadas sob tal estado mental particular” (Note, nesta última frase, a suposição da prioridade da emoção; mas a continuação é inequívoca no outro sentido). “Um homem, por exemplo, pode saber que sua vida está em perigo extremo e pode desejar fortemente salvá-la; ainda assim, como disse Luis XVI quando cercado por uma turba feroz, ‘Será que estou com medo? Sinta meu pulso’. Da mesma forma, um homem pode odiar intensamente outro, *mas até que seu corpo seja afetado*, não se pode dizer que ele esteja enraivecido” (Itálicos meus).

5 Optou-se por traduzir *feeling* como “sentimento”, para que o termo possa ser diferenciado de *sensation*, ou “sensação”, que também aparece no texto de Dewey. Entende-se por “sentimento” aqui uma qualidade subjetiva de uma experiência emocional (o sentimento de raiva ou medo), enquanto “sensação” é um termo mais geral que se refere a qualquer tipo de qualidade subjetiva da experiência consciente corporificada (como dores, câibras ou pontadas) (Nota do tradutor).

6 James (1890, v. II, p. 480-481). A exatidão desta última afirmação pode ser questionada, já que Darwin reconhece os fatos, mas os inclui sob o princípio de hábitos associados úteis (1872, p. 356), como ele certamente tem o direito de fazer; pois o próprio Sr. James reconhece (1890, p. 481, nota de rodapé) que o princípio de “sentimentos análogos” remonta à teleologia dos movimentos envolvidos.

de que atividades que envolvem, de forma semelhante, as mesmas estruturas periféricas, provocam sentimentos⁷ semelhantes.

2. No entanto, não é necessário aderir à teoria de James para sentir a necessidade de encontrar um modo diferente de enunciar os fatos particulares inquestionáveis descobertos por Darwin. Fisiologistas concordam que não existem músculos destinados primariamente para fins de expressão. Uma tradução psicológica disso seria que não há tal coisa como a expressão (do ponto de vista do sujeito da experiência). Chamamos um movimento de expressão quando o examinamos do ponto de vista de um observador – seja um espectador externo ou o próprio sujeito refletindo cientificamente sobre seus movimentos, ou apreciando-os esteticamente. A própria palavra “expressão” nomeia os fatos não como eles são, mas em sua segunda intenção.⁸ Para um observador, meus movimentos de raiva são expressões – sinais, indicações; mas certamente não é assim que as coisas são para mim. Avaliar tais movimentos como primariamente expressivos é cair na falácia do psicólogo: é confundir o ponto de vista do observador e do teórico com o do fato observado. Movimentos *são*, de fato, expressivos, mas são também muitas outras coisas. Em si mesmos, são movimentos, ações, e devem ser tratados como tal se a psicologia pretende compreendê-los corretamente.

3. Tentarei mostrar, a seguir, que esse ponto de vista da expressão de uma emoção preexistente complica e inviabiliza a explicação dos fatos relevantes nos casos da “antítese” e da “descarga nervosa direta”.⁹ Neste ponto, gostaria de salientar que no caso dos “hábitos associados úteis”,¹⁰ o princípio de explicação *de fato* utilizado, seja qual for a forma das palavras empregada, é o da sobrevivência, na forma de atitudes, de atos originalmente úteis não *enquanto* expressões de emoção, mas *enquanto* atos – como servindo à vida. Na discussão dos movimentos dos animais (1872, p. 42-48), a referência à emoção nem mesmo é nominal. Trata-se de “satisfação de desejo” e “alívio de sensações desagradáveis” – ou seja, fins práticos. As expressões de pesar e ansiedade (1872, caps. VI e VII) são explicadas em detalhes, seja qual for a fraseologia geral empregada, por meio de referência a atos úteis em si mesmos. Seria demasiado longo analisar todos os casos em particular, mas o livro está disponível e o leitor pode facilmente descobrir se, em cada caso, a ideia de expressão de emoção não aparece apenas para confundir. *A referência à emoção na explicação da atitude é completamente irrelevante; a atitude emocional é explicada positivamente pela referência a movimentos úteis.*

Um exame de uma aparente exceção pode ajudar a esclarecer esse princípio. Sobre o riso, o Sr. Darwin diz: “Só podemos ver de maneira vaga como a emissão de sons de algum tipo se associaria naturalmente a um estado de espírito prazeroso” (1872, p. 207). Mas Darwin não utiliza essa ideia, nem mesmo de maneira “vaga”. Com sua candura inevitável, ele continua: “Mas porque os sons que o homem emite quando está contente têm o caráter peculiar e repetitivo do riso, não sabemos”.

7 Os fatos transmitidos por este princípio me parecem, por si só, um forte argumento para a teoria da descarga. Da forma como Darwin e Wundt os afirmam, toda a maquinaria mediadora, tanto fisiológica quanto psicológica, está ausente, e nem ao menos podemos formular uma hipótese sobre como um sentimento (reconhecendo que o sentimento de forma *análoga* a outro sentimento!) se inicia ao longo dos mesmos caminhos aferentes. Com a teoria da descarga, o mistério desaparece e nos deparamos com uma tautologia prática: afecções semelhantes de estruturas semelhantes produzem sentimentos semelhantes, sendo o interesse encontrado no rastreamento genético dos detalhes.

8 Isso, é claro, não é de forma alguma inconsistente com o desenvolvimento de certos movimentos para servirem como expressões. Pelo contrário, uma vez que os movimentos ocorrem em um meio social, e seu reconhecimento e interpretação por outros é um fato de importância na luta pela existência, podemos esperar que haja o desenvolvimento de gestos e sinais por meio da seleção.

9 Em seu livro *A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais* (1872), Darwin propôs alguns princípios para explicar a expressão de diferentes emoções. O princípio da antítese a que Dewey se refere diz que, quando uma emoção oposta a alguma outra é sentida, o corpo tende a expressar movimentos e posturas opostas àquelas associadas à emoção original. Por exemplo, quando uma pessoa sente orgulho, ela tende a erguer o peito e a cabeça, enquanto quando sente humildade, ela tende a abaixar a cabeça e os ombros. Já o princípio da descarga nervosa direta, também referido por Dewey, diz que, quando uma forte emoção é sentida, ocorre uma descarga automática de atividade nervosa que leva a movimentos e expressões involuntárias, tais como suor ou tremores (Nota do Tradutor).

10 Além dos dois princípios explicados na nota anterior, Darwin postulou um terceiro, denominado “princípio dos hábitos associados úteis”. Esse princípio propõe que certas ações, originalmente realizadas de forma voluntária para auxiliar em um determinado estado mental, podem se tornar involuntárias com o tempo, mesmo que não sejam mais necessárias para alcançar o mesmo objetivo. Por exemplo, o movimento de mostrar os dentes auxiliava nossos ancestrais a intimidar um oponente em uma situação de conflito, mas com o tempo este movimento foi associado à raiva através do hábito, de modo que até hoje podemos mostrar os dentes quando estamos com raiva mesmo que esse movimento já tenha perdido sua função intimidadora (Nota do Tradutor).

Não sou tão precipitado a ponto de tentar lidar detalhadamente com o riso e suas características concomitantes, mas creio que algo menos vago que a descrição do Sr. Darwin pode ser oferecido. Não consigo ver, nem mesmo de maneira vaga, por que o prazer enquanto sentimento deveria ser expresso através da emissão de sons. De fato, ele não o é, nem mesmo em sorrisos;¹¹ é o prazer de uma certa excitação qualitativa ou vivacidade que irrompe no riso, e o que podemos perceber, de maneira “vaga”, é por que uma excitação que afeta todo o organismo deveria se descarregar no aparelho vocal. O problema está na descoberta daquela forma especial de ação excitada que diferencia o riso de outras excitações. Observe uma multidão de amadores recém-saídos de um jogo. Note como, independentemente do que eles dizem, podemos saber se venceram ou perderam. Em um caso, as posturas são eretas, os pulmões frequentemente expandidos, os movimentos rápidos, abruptos e determinados; há uma abundância de gestos, fala e risos em tons elevados – uma cena que, para um observador externo, chamaríamos de vivacidade, exaltação etc. No outro caso, há pouca fala, e esta é contida; todos os movimentos tendem a ser lentos, ou, se rápidos, indicam um desejo de escapar ou expelir algo; posturas meditativas são frequentemente observadas etc. – uma cena de depressão. É o contraste entre transbordamento espontâneo e redução da atividade visível.

Qual é a diferença? Em ambos os casos, a energia muscular, nervosa e visceral, despertada no jogo, persiste em certa medida. O que determina as linhas antitéticas de descarga desse excesso de energia (essa antítese de “abatimento” e “exaltação” que perpassa todos os nossos termos)? Em um caso, respondo que há linhas de ação sem atrito, atividade harmonizada; ou, em uma linguagem mais psicológica, todas as imagens cinestésicas existentes reforçam e expandem umas às outras; no outro caso, há duas linhas de atividade mais ou menos opostas em funcionamento – as imagens da situação presente e as do jogo passado não podem ser coordenadas. A energia é, em grande parte, dirigida “para dentro”; isto é, ela é gasta em repensar o jogo, em fazer mudanças hipotéticas, em lembrar-se de erros (ou seja, imagens que se deseja expelir), etc. Os movimentos apropriados à atividade presente não podem ser identificados com as energias nervosas e motoras que representam o jogo. No caso da exaltação, etc., há identificação dos pensamentos (as atividades nervosas e musculares relativas ao jogo passado) e as descargas motoras presentes.

A conexão entre *il penseroso* e a melancolia mais ou menos leve, e entre *l'allegro* e a alegria, é assim orgânica e literal, não uma questão de acaso ou analogia – como se a analogia fosse de alguma forma uma força! Quando alguém consegue aceitar sua derrota, a melancolia deixa de incomodá-lo, ele não a considera mais. Ou seja, a emoção de “abatimento” e o reflexo intelectual desaparecem juntos – no momento em que há identificação das imagens. A identidade essencial das atitudes de pensamento e de arrependimento ocorre devido à condição de atividade dividida; ainda há uma luta. Meios e fins estão separados. A identidade das atitudes de alegria e de atividade, de vida (alerta, bem acordado, rápido, animado, vivaz, alegre – exuberante, animado, esperto) se deve à unificação da atividade. Meditação e arrependimento são ambas atividades de interrupção, de conflito; alegria e movimento “vivo”, de estimulação – expansão. Não é de se admirar, então, que tenham os mesmos sinais.

O pensar, pelo menos em certas profissões, é um fim em si mesmo, embora não o seja para o homem comum. Na medida em que o pensar é um fim em si mesmo, a atividade é unificada e tem suas próprias alegrias. Ela deixa de estar ocupada apenas com movimentos meramente instrumentais e, portanto, mais ou menos onerosos. No entanto, as dores, o trabalho do pensamento, a dificuldade da reflexão, a solidão da meditação, a gravidade da deliberação, são todos proverbiais. Apenas em casos raros o sistema todo está envolvido ou unificado, e a alegria é volumosa. Sua forma ordinária é a “excitação” da identificação ou a satisfação do “bom gosto” em uma discriminação clara e nítida. Quando um processo longo e

11 Os “prazeres” da comida têm sua atitude característica – lábios estalando, a língua em movimento; os prazeres do sexo têm os seus etc. Muitos prazeres são acompanhados pela retenção da respiração para que a excitação seja mantida no máximo, e não pelo tipo de expiração encontrada no riso.

abrangente está chegando ao fim e se aproxima de sua bem-sucedida e unificada descarga final, então, de fato, a mão de um Newton pode tremer e a alegria tornar-se intoxicante. Mas não posso admitir, nem mesmo de maneira hesitante, a ideia de que o sentido de abundância e facilidade do pensamento (James, 1890, p. 477) possa ser puramente cerebral.¹² Parece-me que é no sentido literal que o objeto “coloca trens em movimento”¹³ – estes são reavivamentos da descarga motora e do reforço orgânico. Nessas ocasiões, o pensar se torna realmente sincero; ele nos domina completamente e se transforma no estético.

Isso, no entanto, é apenas uma preparação para a questão do “sinal” específico da alegria, o riso. Como ele pode ser enquadrado sob o princípio de ser uma parte real de uma atividade útil? Por que a excitação, admitindo que esta afeta os órgãos vocais, se manifesta nessa forma? Embora eu me sinta bastante seguro da explicação a seguir, não posso esperar que ela convença muitas pessoas. Apesar de ser o resultado de uma observação considerável, ela pode ser resumida brevemente. O riso de modo algum deve ser visto do ponto de vista do humor; sua conexão com o humor é secundária. Ele marca o fim (ou seja, a obtenção de uma unidade) de um período de suspense ou expectativa, um fim que é agudo e repentino. Atividades rítmicas, como o “cadê? Achou!”¹⁴ provocam risos a cada culminância da transição em um bebê. Uma criança de um ano e meio a dois anos usa o riso como um sinal de assentimento; é seu enfático “sim!” ou “eu aceito!” a qualquer ideia sugerida com a qual concorda ou que atenda repentinamente suas expectativas.

Uma observação bem moderada da parte dos adultos convencerá qualquer um de que uma abundância de risos é completamente irrelevante para qualquer piada ou comentário bem-humorado. É um constante e repetido “sinal” de alcançar subitamente um ponto. Agora, toda expectativa, espera, esforço suspenso etc., é acompanhada, por razões teleológicas óbvias, pela tomada e retenção de uma respiração completa, e pela manutenção de todo o sistema muscular em um estado de considerável tensão. É uma atividade dividida, uma parte das imagens cinestésicas fixa-se nas condições imediatamente presentes, enquanto outra se fixa no fim esperado. Agora, deixe o fim subitamente “romper”, “despontar”, deixe que se veja o “ponto”, e essa energia então se descarrega – a obtenção do ponto é a unidade, a descarga. Esse relaxamento repentino da tensão, quando ocorre através do aparelho respiratório e vocal, é o riso. Seu caráter rítmico parece ser simplesmente uma fase do princípio teleológico geral de que toda ação bem organizada ou econômica é rítmica. O riso é assim um fenômeno do mesmo tipo geral que o suspiro de alívio. A diferença é que este ocorre quando o foco está no processo, e quando a ideia do trabalho, lento e contínuo, está em seu auge; enquanto o riso ocorre quando o foco está todo no efeito, no resultado – a aparência repentina e abrupta do “ponto”. Em um caso, o esforço continua até alcançar algo; no outro, o esforço é interrompido e então a energia acumulada é liberada de uma fonte aparentemente externa. A conexão do humor com o riso, e as ideias de superioridade relativa – a trivialidade e a incongruência envolvidas no humor etc., parecem ser simplesmente diferenciações mais complexas e intelectualmente carregadas desse princípio geral.

Não apenas a alegria e o pesar estão, praticamente, em uma antítese qualitativa peculiar, parecendo implicar um princípio comum do qual são os extremos, mas os “sinais” de alegria e pesar, especialmente quando estes se tornam violentos, são idênticos. Este fato, que de outra forma seria tão sem sentido, torna-se natural se adotarmos a explicação acima. Tanto o chorar quanto o rir se enquadram no mesmo princípio de ação – o término de um período de esforço. Se focarmos nossa atenção nas concepções convencionais e literárias do pesar, isso parecerá pouco plausível; mas se considerarmos crianças e casos mais simples, isso parecerá óbvio. O chorar ou é parte de um esforço para expulsar um corpo estranho,¹⁵

12 As distinções que James faz aqui – na realidade puramente verbais – entre espiritual e fisiológico, em vez de entre cerebral e viscero-motor, são a única razão para seu oponente rotular a teoria como materialista – como se os intestinos realmente fossem mais materiais do que o cérebro!

13 No original, *sets trains going* (Nota do Tradutor).

14 No original, *peek-a-boo*. Trata-se de brincadeira entre um adulto e um bebê, em que o primeiro se esconde atrás de alguma coisa (frequentemente de suas próprias mãos), dizendo “cadê?” para chamar a atenção do bebê, e então reaparece dizendo “achou!” (Nota do Tradutor).

15 Embora a explicação de Darwin sobre o fechar dos olhos – para proteger os vasos sanguíneos do congestionamento devido ao grito violento

um esforço tão geral que envolve espasmodicamente os pulmões e órgãos vocais (uma espécie de aflição geral); ou, como frequentemente vemos em crianças, uma explosão de energia acumulada em preparação para algum ato, repentinamente descarregada *in vacuo* ao falhar na parte essencial, no fator final do ato.¹⁶

Começando com os casos mais simples, os fenômenos do pesar tornam-se facilmente explicáveis. São fenômenos de *perda*. Reações surgem diante de algum estímulo ou fase de uma situação; o objeto apropriado para a maioria dessas reações, o fator necessário para coordenar todas as descargas crescentes, não está mais presente; e, portanto, elas interferem umas nas outras – a expectativa ou imagem cinestésica é jogada de volta sobre si mesma.

4. Ao lidarmos com o pesar, inadvertidamente adentramos em um novo campo. O ponto do nosso terceiro tópico é que o princípio que Darwin chama de “movimentos úteis na expressão de uma emoção” explica os fatos relevantes apenas quando alterado para que se leia “úteis como partes de um ato que é útil como movimento”. Ao lidarmos com o pesar, passamos para os fenômenos da quebra de uma coordenação teleológica dada e da realização de atos que, vistos objetivamente, não são apenas inúteis, mas podem até mesmo ser prejudiciais. Minha proposta aqui é que os fenômenos referidos como o princípio da descarga nervosa direta (a resposta a um estímulo idiopático) são casos de falha da maquinaria teleológica habitual, devido a alguma perturbação em um ou mais dos membros ajustados do hábito.

Para evitar mal-entendidos, permita-me apontar uma grande ambiguidade no uso do termo idiopático. Em um certo sentido, até mesmo os movimentos “associados úteis” são idiopáticos, desde que, originalmente, fossem úteis para alcançar um fim, e não simplesmente para expressar uma emoção. Eles são reações aos seus estímulos apropriados, e a única diferença entre eles e as mudanças no fígado, náuseas, palpitações do coração, etc., geralmente classificados como idiopáticos, é que nos primeiros os estímulos e a reação são mais claramente limitados a determinados canais específicos do que nos últimos casos; há uma descarga nervosa direta bem definida, em contraste com uma descarga difusa e vaga. O fato desta descarga bem definida ser útil pode indicar o tipo de resposta idiopática que temos, mas não pode transformá-la em outra coisa senão uma resposta. Além disso, segundo princípios evolutivos, a descarga limitada, ajustada e útil deve ser uma diferenciação selecionada e perpetuada devido à sua utilidade na luta pela vida, a partir de uma onda mais difusa e irradiante de descarga original.

Admitindo, então, que todas as atitudes emocionais são, de alguma forma, idiopáticas no sentido amplo, sendo a única diferença a clareza ou limitação do estímulo e sua resposta, o que devemos fazer com os casos agora descritos como “idiopáticos” no sentido mais restrito? – tais fenômenos como aqueles que o Sr. James resume brevemente e de maneira excelente na página 482 (1890). Minha proposta, repito, é que todas essas descargas idiopáticas, possuindo qualidade emocional, são, na verdade, perturbações, defeitos ou alienações dos movimentos *ajustados*. Embora não sejam imediatamente teleológicas no sentido de serem úteis em si mesmas, elas são condicionadas teleologicamente. São casos de desintegração de associações (coordenações) que são úteis, ou o uso de meios em circunstâncias em que são totalmente inadequados.

As descargas idiopáticas que não são elas mesmas movimentos ajustados ou perturbações desses movimentos ajustados não parecem ter qualquer qualidade *emocional* para mim. O tremor causado pelo frio intenso ou pela fadiga extrema é sem dúvida qualitativamente diferente do tremor causado pela raiva ou pelo medo. As sensações de fraqueza nos intestinos e de náusea, que são idiopáticas aos seus estímulos apropriados, só podem ser chamadas emocionais por uma extensão do termo que torna todas as sensações e impulsos emoções. O Professor James me parece totalmente bem-sucedido ao

– sem dúvida explique a seleção dessa atitude, dificilmente pode explicar sua origem. Eu penso que originalmente tinha o mesmo fim que o grito – afastar ou bloquear algum objeto ameaçador, como o faz o avestruz etc., ou como alguém que fecha os olhos ao disparar uma arma pela primeira vez.

16 Suponho que todos já viram uma criança pequena entrar em um estado de gritos e movimentos violentos ao receber, por exemplo, um biscoito quebrado. A situação se explica pelo princípio acima mencionado. O fator conclusivo em uma coordenação de energia não aparece, e a criança literalmente se despedaça. Gostaria de ver alguma explicação disso na teoria anti-James, que não seja aquela oferecida por Santo Agostinho para fenômenos semelhantes de sua infância – a depravação total.

lidar com a acusação de que, segundo sua teoria, toda risada deveria provocar a emoção de alegria, todo vômito a de repulsa, etc.¹⁷ A onda difusa, em um caso, é incompleta; mas há alguma razão ou significado nessa diferença? Não há dúvida para mim de que, *nas condições existentes*, a provisão das excitações orgânicas ausentes transformará a risada e a náusea em emoções de alegria e repulsa – isso sem nenhuma mudança no “objeto”. Mas de onde vem essas tais “condições existentes”, e por qual motivo? A mudança de uma mera risada para uma emoção alegre é uma mudança distinta na qualidade psíquica, e essa mudança de qualidade não parece ser adequadamente *explicada* apenas pela adição de mais descargas – embora, repito, simplesmente adicionar mais descargas certamente *faça* essa diferença. Se esses fatores suplementares trazem o significado ou o valor de coordenações passadas, essa mudança de qualidade é razoável e inevitável; se não, se são simplesmente mais algumas descargas acidentais, o peculiar “sentir” qualitativo é miraculoso – não admitindo explicação alguma.

Isso significa, do ponto de vista psicológico, que toda emoção normal de terror tem um *objeto* e envolve uma atitude *direcionada* a esse objeto; essa atitude, nas circunstâncias dadas, talvez não seja útil, podendo até mesmo ser prejudicial, mas ainda assim é a reprodução de uma, ou, melhor dizendo, de uma mistura, de atitudes que foram úteis no passado. A inutilidade da atitude se deve ao fato de que algum aspecto no estímulo (a situação ou objeto) desperta as reações apropriadas, mas essas não se coordenam com as reações provocadas por outros aspectos da situação. A emoção patológica é, como Mr. James a chama, a emoção *sem objeto*, mas seu conteúdo é controlado por atitudes ativas anteriormente assumidas em relação a objetos, e, *do seu próprio ponto de vista*, não é sem objeto; ela imediatamente encontra um objeto com uma desculpa racional para sua existência.¹⁸ Essa correlação imediata da emoção com um “objeto” e sua tendência imediata a assumir o “objeto” quando ele não está lá me parece mera tautologia para dizer que a atitude emocional é normalmente racional em conteúdo (ou seja, ajustada a algum fim) e, mesmo em casos patológicos, suficientemente teleológica em forma para subsumir um objeto para si mesma.

Seja como for, segundo a teoria de James, a admissão de quaisquer casos idiopáticos que não podem ser reduzidos ao uso anormal de ajustes teleológicos é mais ou menos intolerável. Sua resistência permanente a essa redução seria uma objeção forte à teoria. Esperança, medo, deleite, tristeza, terror, amor são demasiado importantes e relevantes em nossas vidas para serem, em geral,¹⁹ apenas o “sentir” de atitudes corporais que não têm significado em si mesmas. Se a atitude é totalmente acidental, então a própria emoção é bruta e insignificante, segundo uma teoria que sustenta que a emoção é o “sentir” de tal atitude.

Mais uma palavra de explicação geral. A antítese aqui está entre a excitação meramente acidental e a excitação ajustada – não entre o mecânico e o teleológico. Acrescento isso devido à seguinte frase de James: “Parece que até mesmo as mudanças na pressão sanguínea e no batimento cardíaco durante o excitação emocional podem, em vez de serem determinadas teleologicamente, ser simplesmente transbordamentos mecânicos ou fisiológicos pelos canais de drenagem mais convenientes” (1890, p. 482). Certamente, se essas forem as alternativas, eu iria um passo além e diria que até mesmo o cerrar dos punhos e a retratação dos lábios na raiva são simplesmente transbordamentos mecânicos pelos canais disponíveis mais convenientes. Mas essas não são as únicas alternativas. A verdadeira questão é simplesmente saber como este canal particular se tornou o mais conveniente possível, seja puramente por acaso ou devido à execução de movimentos que têm algum valor para a preservação da vida. A posição defendida aqui é que o caminho mais conveniente é determinado por hábitos que, em geral, evoluíram como úteis.²⁰

17 1894, p. 522.

18 A emoção patológica é para a emoção normal como a alucinação é para a percepção. Um estímulo incomum aproveita e controla as linhas de coordenação e descarga que foram construídas com referência ao estímulo habitual ou normal. Psicologicamente, o processo é bastante regular; é apenas em sua teleologia que ele está “fora de lugar”.

19 Em geral, eu diria; pois é sem dúvida pedantismo afirmar que cada pequeno aspecto da atitude é condicionado por uma atividade direcionada a um objeto.

20 É claro que, como Mr. James coloca, há “reações incidentais a outras evoluídas por sua utilidade, mas que nunca teriam evoluído independentemente” (*ibid.*, p. 484). De fato, em um certo sentido do termo “incidental”, isso é uma parte necessária da minha proposta. A

Aprofundando um pouco mais nos detalhes, é óbvio que o princípio teleológico carrega consigo uma certa limitação. Normal e usual são a mesma coisa; o hábito baseia-se nas características usuais da situação. O próprio significado de hábito é a limitação a uma faixa média de flutuação. Agora, se um estímulo completamente estranho (perdoe-me pela contradição nos termos) ocorrer, não haverá perturbação da função, embora o organismo possa ser destruído pelo impacto da força estranha. Mas se algumas das características de uma situação, habitualmente associadas no passado a outras características, estiverem presentes enquanto essas outras falham, ou se a proporção ou força relativa dos estímulos ordinários for alterada, ou se seu modo de conexão for revertido, é certo que haverá uma perturbação e uma atividade resultante que, *vista objetivamente*, não é teleológica. Assim, obtemos um cânone *a priori*, por assim dizer, para determinar quando, em uma dada emoção, teremos sintomas que se enquadram ou no princípio do “hábito associado útil” ou no idiopático. Sempre que os vários fatores do ato, como movimento muscular, mudanças nutritivas, respiratórias e circulatórias, estão coordenados e se reforçam mutuamente, trata-se do primeiro caso; sempre que interferem (o “idiopático”), o sentimento dessa interferência é (aplicando o princípio geral de James) a raiva patológica, o terror ou a expectativa.

Mais uma vez, estamos seguindo uma direção equivocada e desesperançosa quando partimos da emoção e tentamos derivar os movimentos como sua expressão; enquanto a situação se esclarece quando partimos do caráter do movimento, como uma coordenação completada ou perturbada, e então derivamos os tipos correspondentes de emoção normal e patológica. Podemos entender por que o princípio chamado idiopático entra em jogo em todos os casos de emoção extrema, sendo o limite máximo a passagem para o espasmo quando ele assume um tipo rígido, ou de histeria quando envolve uma completa desintegração da coordenação.

A atitude do medo normal pode ser explicada pelos princípios teleológicos diretos: o segurar a respiração marca o esforço; a abertura da boca, o ato interrompido pela metade; a abertura dos olhos, a atenção tensa; o tremor, a retração; o encolher-se, o início da fuga; o batimento rápido do coração, o acúmulo de energia para a fuga, etc. Agora, se essas atividades continuarem até se completarem, ou seja, se sugerirem a reação adicional que se coordenará em uma resposta definida, obteremos o medo cauteloso – ou seja, a precaução. No entanto, se essas atividades não sugerirem um movimento adicional que complete o ato, alguns ou todos esses fatores começam a se manifestar na consciência, isolada ou alternadamente – há confusão. Além disso, cada fase particular do ato, enquanto era normal na coordenação, como o batimento cardíaco mais rápido, agora que é descontrolada devido à falta de seus associados motores relevantes, é exagerada e se torna cada vez mais violenta. A resposta à demanda normal por mais nutrição não encontra uma saída regular para fornecer a energia motora para o ato útil, e os distúrbios nas vísceras e nos órgãos associados se propagam. O tremor marca, até onde posso ver, simplesmente essa mesma descoordenação do lado do sistema muscular. É o extremo da indecisão vacilante; começamos a fazer isso, aquilo e aquilo outro, mas cada ato atrapalha o seu predecessor.

Falando grosseiramente, há uma exacerbação de todas as funções vegetativas da atividade e uma deficiência do lado motor – os músculos não estriados sendo incluídos, numa base funcional, no sistema vegetativo. Isso é exatamente o que esperaríamos quando há uma grande agitação de energia preparatória para a atividade, mas sem um canal definido de descarga. Assim, o agente fica completamente absorvido por seu próprio estado e não consegue prestar atenção no objeto.

A emoção patológica é, então, simplesmente um caso de autoconsciência mórbida. Os fatores do organismo que se relacionam mais imediatamente com o seu bem-estar, as funções vegetativas, absorvem a consciência, ao invés de serem, como normalmente são, subsidiárias à direção da atividade muscular com referência ao “objeto”. Isso é igualmente verdadeiro no terror extremo e no estar “fora de si” da

única questão é se “incidental” significa sem propósito, ou significa ter seu propósito não por si mesmas, mas como relativas a, ou como facilitadoras ou reforçadoras de, algum outro ato útil. O fato, mais uma vez, de que no método de declaração de Darwin tais movimentos relativos ou incidentais não podem ser admitidos, é uma objeção indubitável ao modo como Darwin enuncia o princípio do hábito útil.

raiva. Os casos em que o entusiasmo sanguíneo e a apreensão afetam a bexiga serão tomados, acredito, quase uniformemente como casos em que não é possível fazer nada imediatamente com as atividades excitadas; elas não podem ser controladas pelo direcionamento ao esforço em relação ao “objeto”, que é muito distante ou incerto.

Certamente, o princípio para atitudes comumente chamadas de autoconsciência mórbida é precisamente aquele que acabamos de estabelecer. Nestes casos, as funções musculares (não vegetativas), normalmente úteis para alcançar um fim, são primeiro despertadas em resposta a estímulos e, então, por não serem completamente coordenadas na ação, *não* são usadas com referência ao fim, e assim tornam-se proeminentes na consciência em si mesmas. Não tentarei fazer uma declaração detalhada aqui, mas deixo ao leitor responder se a proposta acima não dá uma descrição genérica precisa das sensações de desajeitamento, timidez, de ser ridículo (como quando se inicia um movimento apropriado, mas torna-se consciente dele em si mesmo, separado de seu fim) de um lado, e da graça afetada, facilidade minuciosa, pomposidade e presunção do outro.

Todos esses fatos, tomados cumulativamente, me parecem tornar bastante certo que os casos “idiopáticos”, em regra, devem ser concebidos como o início de atividades anteriormente úteis para um determinado fim, mas que agora, por algum motivo, falham em funcionar e, portanto, tornam-se proeminentes na consciência independentemente do fim necessário.

5. Chego agora ao princípio da antítese. Segundo o Sr. Darwin, quando certos movimentos têm sido habitualmente úteis em conexão com certas emoções, há uma tendência, quando um estado de espírito diretamente oposto é induzido, para a realização de movimentos de natureza diretamente oposta, “*embora estes nunca tenham sido de qualquer uso*” (1872, p. 50, itálicos meus). Aqui temos um caso crucial; se a antítese da emoção determina a antítese da expressão, a teoria de James é, até certo ponto, refutada; se, por outro lado, a antítese da “expressão” remonta a atividades que têm seus próprios fins, pelo menos o terreno está preparado para a teoria da descarga.

Começando com os animais, o Sr. Darwin ilustra seu princípio da antítese a partir de cães e gatos. Ninguém pode ler sua descrição ou examinar suas imagens sem se convencer de que os movimentos *são* antitéticos. Mas há algo intolerável ao psicólogo na suposição de que uma emoção oposta de alguma forma pode selecionar canais de descarga que já não estejam sendo usados para algum fim específico, e que esses canais produzam movimentos diretamente opostos. A antítese é transformada em uma força causal. Tal ideia não é concebível sem alguma força sobrenatural que abra válvulas e puxe cordas. A ausência de uma máquina mediadora, de fenômenos interligados, é ainda mais marcante neste caso do que no caso do “sentimento análogo”.

Se tratarmos novamente o assunto como um caso de conexão de movimentos com referência a certos atos, o mistério desaparece. Os casos do Sr. Darwin são tomados de animais domésticos. Os animais selvagens têm, grosseiramente falando, apenas duas atitudes características fundamentais: aquelas relacionadas à obtenção de alimentos, incluindo o ataque a inimigos, e aquelas de defesa, incluindo a fuga, etc. Um animal doméstico, pelo simples fato de ter sido domesticado, possui outra atitude característica, a da receptividade – a atitude de adaptação completa a algo fora de si. Esta atitude é constituída, claro, por uma certa coordenação de movimentos; e estes são antitéticos aos movimentos envolvidos na atitude contrária, a de resistência ou oposição. Um estudo dos cães nas páginas 52 a 55 mostrará que a atitude de oposição é naturalmente tensa e centrada em si mesma, a melhor posição a partir da qual entrar, por um lado, em uma atitude de ataque aberto e, por outro lado, em uma de resistência ao ataque. A atitude de “humildade” e “afeto” consiste, como bem diz o Sr. Darwin, em movimentos contínuos e flexuosos. Esses movimentos são precisamente os de resposta e adaptação. O centro de gravidade está, por assim dizer, no mestre, e o movimento ágil e sinuoso é a solução para o problema de manter o equilíbrio com relação a cada mudança neste centro de gravidade externo. É a atitude de receber favor e comida de outro. A dependência é real, não simbólica. A menos que o Sr. Darwin estivesse preparado para equipar o animal com uma consciência moral plenamente desenvolvida, a atitude “humilde” do cão dificilmente poderia

ser outra coisa senão a atitude habitual da recepção, e a atitude “afetuosa” outra coisa senão a recorrência de movimentos associados à obtenção de alimentos. O mesmo princípio geral se aplicará às expressões antitéticas dos gatos, exceto que a dependência no caso do gato assume mais a forma de contato passivo e menos de ajuste ativo. A reminiscência da atitude sexual possivelmente também é mais evidente.²¹

Os outros casos de antítese mencionados por Darwin são o encolher impotente de ombros e o levantar das mãos em grande espanto. Estou certo de que a hipótese mais racional é supor que esses são resquícios de certos atos, e não indicações simbólicas de certas emoções. Como contribuição para tal hipótese de trabalho, sugiro a possibilidade de que o levantar dos braços com atenção seja em parte a sobrevivência de um movimento de afastamento de um objeto hostil se aproximando, e em parte um reforço da manutenção do peito cheio de ar, característico da expectativa e do espanto – um movimento cujo análogo é encontrado no levantar e recuar dos braços no bocejo.²² O encolher impotente de ombros parece ser complexo; a união de resquícios de três ou quatro atos distintos. O levantar das sobrelanceiras é o ato de retrospectiva, de examinar o terreno para ver se algo mais poderia ter sido feito; o franzir dos lábios, o elemento de rejeição provisória (dúvida); o levantar dos ombros, o ato de se aliviar de um fardo (i.e., “ele se aliviou daquilo transferindo-o para outra pessoa”); o estender da mão, com a palma para cima, a atitude de pedir ou receber. Para minha introspecção, o *quale*²³ da emoção concorda inteiramente; é um sentimento de “não vejo como poderia ter feito algo diferente, pelo menos no que me diz respeito, mas estou disposto a ouvir o que você tem a oferecer” – ou de “não sei; diga você”. Assim, há claramente um elemento expressivo ou social, e marca a transição da atitude emocional para o gesto.

Resumindo, podemos dizer que todas as chamadas expressões de emoções são, na realidade, a redução de movimentos e estimulações originalmente úteis em atitudes. No entanto, observamos uma diferença na forma e na natureza dessa redução, e nas atitudes resultantes, o que explica a aparente diversidade dos quatro princípios dos “hábitos associados úteis”, “estímulos análogos”, “antítese” e “descarga nervosa direta”. Um dado movimento ou conjunto de movimentos pode ser útil tanto como preparatório para outro conjunto de atos quanto como fins realizados em si mesmos. Movimentos de esforço, de preparação, de alcance, etc., evidentemente se enquadram na primeira categoria. Aqui temos o caso de movimentos associados úteis em seu sentido estrito. A culminação de todos esses ajustes preparatórios é a obtenção de alimento ou contato sexual. Na medida em que temos atitudes que refletem esses atos, satisfazendo-se em si mesmos, obtemos casos de chamados estímulos análogos. As atitudes antitéticas de alegria e tristeza, e tudo o que delas se diferencia, marcam o desenvolvimento posterior da realização efetiva de um fim (ou falha em obtê-lo), ocorrendo quando a atividade especialmente apropriada ao fim particular alcançado (ou perdido) é reforçada e expandida por uma ampla gama de mudanças musculares e viscerais contributivas. Os casos de fracasso nos levam à quebra das coordenações habitualmente úteis, à sua alienação, ou à perturbação recíproca de seus vários fatores, e assim aos fatos geralmente subsumidos sob o princípio idiopático. Nessa progressão, temos uma relação continuamente cambiante das funções vegetativas para as funções motoras. Nos ajustes preparatórios, estas últimas têm o maior expoente, e o *quale* estritamente emocional do sentimento está em seu mínimo. Na alegria e na tristeza, assim como em menor grau na “doçura”, repulsa, etc., a ressonância orgânica está em seu ápice, mas estritamente subordinada aos desempenhos motores. Nos casos idiopáticos, essas funções vegetativas se soltam e fogem do controle, e assim, ao invés de reforçar a eficiência do comportamento, interferem absorvendo a consciência.

21 Não sendo capaz de lidar com esses casos, eu os trouxe à atenção do meu amigo e colega Sr. G. H. Mead. A explicação fornecida aqui, que me parece indubitável, é dele. A relação entre as funções vegetativas e motoras, discutida anteriormente no contexto da emoção patológica e que será novamente utilizada abaixo, também devo a ele. Embora eu tenha utilizado esse ponto apenas incidentalmente, o Sr. Mead corretamente o torna essencial para a explicação da emoção e de suas atitudes, ao contrário da identificação e descrição que eu sozinho tentei fazer. Espero, portanto, que toda a sua teoria seja logo publicada.

22 Desde a escrita do texto, tenho notado repetidamente essa atitude dos braços, sem a rigidez, em uma criança de dois anos enquanto observa a preparação de sua comida.

23 Singular de *qualia*, jargão filosófico para qualidades subjetivas da experiência consciente (Nota do Tradutor)

No próximo artigo, abordarei a teoria da descarga como a natureza da emoção e a discutirei à luz das conclusões alcançadas até agora.

A teoria das emoções II: o significado das emoções

Num artigo anterior,²⁴ tentei mostrar que todas as chamadas expressões de emoção devem ser explicadas não por referência à emoção, mas por referência a movimentos que tenham alguma utilidade, seja como sobrevivências diretas ou como distúrbios de coordenações teleológicas. Tentei mostrar que, com base nisso, os vários princípios para explicar as atitudes emocionais podem ser reduzidos a certas diferenças óbvias e típicas dentro dos movimentos teleológicos. No presente artigo, desejo reconsiderar a teoria de James-Lange, ou teoria da descarga, da natureza da emoção do ponto de vista assim obtido; pois se todas as emoções (consideradas como “perturbações emocionais”, “Afeto”²⁵ ou “sentimentos”, como poderia chamá-las) são constituídas pela reflexão da atitude teleológica, descargas motoras e orgânicas na consciência, o mesmo princípio que explica a atitude deve servir para analisar a emoção.

O fato, se for realmente um fato, de que toda “expressão emocional” é uma fase de movimentos teleologicamente determinados, e não um resultado de uma emoção preexistente, é em si um forte argumento para a teoria da descarga. Tive a oportunidade de apontar em meu artigo anterior que os fatos apresentados sob o conceito de “antítese” e “estímulos análogos” são absolutamente inexplicáveis na teoria central,²⁶ e são questões evidentes na teoria de James. Mas esta afirmação pode ser mais generalizada. Se toda atitude emocional se refere a atos úteis, e se a emoção *não* é o reflexo de tal ato, onde ela entra e qual sua relação com a atitude? A primeira metade da hipótese impede que seja o antecedente da atitude; a última metade da hipótese impede que seja o conseqüente. Se dissermos que a emoção é uma mera questão secundária em relação à excitação central (correspondente ao propósito) que resulta em mudanças musculares e orgânicas, então temos o direito de pedir, *a priori*, alguma explicação de seu aparecimento único neste ponto, algum tipo de *causa essendi* mecânica ou teleológica; e, *a posteriori*, apontar que, na verdade, todos supomos que nossas emoções, digamos, de raiva, tem *algum* tipo de relação direta com nossos movimentos – de fato, o uso comum nos obriga a falar deles como movimentos de raiva. Acho, então, que a lógica exige, justamente, ou a renúncia da teoria “central” da emoção, ou a refutação do argumento do artigo anterior, e uma prova de que as atitudes emocionais devem ser explicadas por referência à emoção, e não por referência aos atos.

De forma mais positiva, esta referência ao movimento útil na explicação de atitudes emocionais, tomada em conexão com a hipótese de que o “sentimento” emocional é sempre devido à onda de retorno dessa atitude, fornece uma ferramenta positiva para a análise da emoção em geral e de emoções particulares em especial. Indicando a necessidade de uma consideração adicional, pode-se apontar que o próprio Sr. James enfatiza principalmente a capacidade de sua teoria de explicar a *origem* das emoções e de fornecer à emoção uma “base física”, que não seja baseada na análise psicológica que poderia se produzir da natureza da experiência emocional. Na verdade, James definitivamente relega para segundo plano a questão da classificação,²⁷ dizendo que a questão da gênese se torna crucial. Mas toda teoria da gênese deve se tornar um método de análise e classificação. A teoria da descarga dá, de fato, o golpe de misericórdia ao método fixo de classificação em compartimentos, mas abre a porta para a classificação genética. Em outras palavras, ele faz para as emoções exatamente o que a teoria da evolução faz na biologia; destrói os esquemas arbitrários e subjetivos, baseados na mera posse de semelhanças e

24 Dewey (1894).

25 Dewey (1894, p. 523).

26 I.e., uma teoria que toma um estado central interno emocional como causalmente responsável pela expressão comportamental (Nota do Tradutor).

27 James (1890, p. 454; 485).

diferenças, e aponta para uma classificação objetiva e dinâmica baseada na descendência de uma dada atividade funcional, gradativamente diferenciada conforme as demandas da situação. A conclusão geral indicada sobre a natureza da emoção é que:

A emoção em sua totalidade é um modo de comportamento que é intencional, ou que possui um conteúdo intelectual,²⁸ e que também se reflete em sentimento ou Afetos, como a valoração subjetiva daquilo que é objetivamente expresso na ideia ou propósito.²⁹

Esta fórmula, entretanto, nada mais é do que uma junção da teoria de James com a revisão dos princípios de Darwin que procurei fazer no último artigo. Se uma atitude (de emoção) é a recorrência, em forma modificada, de algum movimento teleológico, e se a diferenciação específica da consciência emocional é a ressonância dessa atitude, então a excitação emocional é o processo sentido da realização de ideias. O principal interesse aqui está em tornar essa fórmula mais específica.

Em primeiro lugar, esse modo de chegar à teoria alivia a declaração do Sr. James em relação ao ar reconhecidamente paradoxal que a rodeia. Só posso pensar que os críticos do Sr. James em grande parte criaram suas próprias dificuldades, mesmo com base em sua declaração “descuidada” de que “sentimos tristeza porque choramos, raiva porque batemos, medo porque trememos”. A própria afirmação traz à tona a ideia de *sentir* tristeza, não de *estar* triste. Na pág. 452 (1890), ele se refere expressamente à sua tarefa como a de “subtrair certos *elementos do sentimento* de um estado emocional que supostamente existe *em sua plenitude*” (itálicos meus). E em seu artigo neste periódico (1894), ele afirma de forma definitiva que está falando de um *Afeto*, ou distúrbio emocional. Com isso, entendo que ele quer dizer que não está lidando com a emoção como um todo concreto da experiência, mas com uma abstração da emoção real daquele elemento que lhe dá sua *differentia* – seu *quale* afetivo, seu “sentimento”. Pelo que entendi, ele não se concebia lidando com aquele estado que chamamos de “estar com raiva”, mas sim com a “sensação” peculiar que qualquer pessoa tem quando está com raiva, um elemento que pode ser intelectualmente abstraído, mas certamente não tem existência por si só, ou como experiência emocional completa.

O que enganou os críticos do Sr. James, penso eu, não foi tanto sua linguagem, mas a ausência de qualquer tentativa de sua parte de conectar o distúrbio emocional com as outras fases da experiência emocional concreta. Qual pode ser a condição total de *estar* zangado, ou esperançoso, ou arrependido, o Sr. James não diz em lugar algum, nem indica por que ou como o “sentimento” de raiva está relacionado a estas condições totais. Daí a inferência de que ele está considerando a experiência emocional completa de forma inadequada, ou então – como o Sr. Irons considerou – que ele está negando a própria existência da emoção, reduzindo-a à mera consciência da mudança corporal como tal. Certamente, mesmo quando admitimos que a diferenciação emocional, ou “sentimento”, é a reverberação das mudanças orgânicas que se seguem da resposta motora ao estímulo, ainda precisamos situar esse “sentimento” com referência às outras fases da experiência emocional concreta. O “senso comum” e o senso psicológico se revoltam com a suposta implicação de que o “sentimento” emocional, que constitui grande parte do significado de nossas vidas, é uma chegada casual, ou uma superimposição acidental de certas mudanças orgânicas que por acaso estão ocorrendo. É este isolamento aparentemente arbitrário que ofende.

Se, preparando-nos para tentar chegar a tal posicionamento, colocarmos diante de nós toda a experiência emocional concreta, encontraremos, creio eu, duas fases além daquela do Afeto ou do episódio: (1) A emoção uma disposição, um modo de conduta, uma forma de se comportar. Na verdade,

28 O que Dewey chama de “conteúdo intelectual” é o que se chama em filosofia da mente de “conteúdo intencional” – um conteúdo que diz respeito a um objeto (Nota do Tradutor).

29 Em minha *Psicologia* (1887 p. 19; 246-249), é estabelecido, de forma bastante esquemática, que o sentimento é a internalização da atividade ou vontade. Não há nada de novo nesta doutrina; de certa forma, ela remonta a Platão e a Aristóteles. Mas o que inicialmente chamou minha atenção especial para a doutrina da emoção de James foi que ela fornece a esta antiga concepção idealista de sentimento, até então vaga e não mediada, um meio de tradução para os termos de fenômenos concretos. Menciono este pequeno trecho de minha história pessoal apenas como uma contraposição àqueles escritores que consideraram a concepção do Sr. James tão marcada pelo materialismo. Do ponto de vista histórico, pode ser digno de nota que uma antecipação rudimentar da teoria de James é encontrada no *Philosophie des Geistes* de Hegel, § 401.

é a esse aspecto prático da emoção que o discurso comum se refere em seus termos emocionais. Quando dizemos que John Smith está muito ressentido com o tratamento que recebeu, ou esperançoso de sucesso nos negócios, ou lamenta ter aceitado uma nomeação para o cargo, não estamos simplesmente, ou mesmo principalmente, dizendo que ele tem um certo “sentimento” ocupando sua consciência. Queremos dizer que ele está em uma certa atitude prática, que assumiu uma prontidão para agir de certas maneiras. Não devo temer um homem que simplesmente tem o “sentimento” de raiva, nem devo simpatizar com alguém que simplesmente tem o “sentimento” do pesar.³⁰ O pesar significa uma falta de vontade de retomar a ocupação normal, um desânimo prático, o rompimento das reações normais, etc., etc. Assim como a raiva significa uma tendência a explodir em um ataque repentino, não um mero estado de sentir um certo sentimento. Certamente não negamos nem negligenciamos a fase do “sentir”, mas, na linguagem comum, o lado comportamental da emoção está, penso eu, sempre em primeiro lugar na consciência. A conotação de emoção é primariamente ética, e apenas secundariamente psíquica. É por isso que nos sentimos insultados quando nos é dito (como o interpretamos rapidamente — nossa interpretação é mais apressada do que a própria frase) que não estamos com raiva até que batamos, pois a prontidão súbita para prejudicar outra pessoa é precisamente o que entendemos por raiva. Mas se a declaração for entendida como afirmando que não temos o episódio emocional, o “sentimento” de raiva, até que batamos, cerremos os punhos, nosso sangue ferva, etc., então a declaração não apenas perde sua qualidade paradoxal insultante, mas (a menos que minha introspecção revele uma cena diferente da dos outros) é também confirmada em cada emoção passageira. (2) Mas a experiência emocional completa também sempre tem seu “objeto” ou conteúdo intelectual. A emoção é sempre “sobre” ou “em direção a” alguma coisa; está “em” ou é “por causa de” algo, e essa referência preposicional é uma fase integral do pulso único da emoção; pois a emoção, assim como a ideia, surge como um todo carregando suas distinções de valor dentro de si. A criança que deixa de ficar com raiva *de* alguma coisa – nem que seja apenas do chão – mas que continua chutando e gritando, passou para um estado de simples espasmo. Não é mais uma emoção de raiva, mas uma mera apreciação estética. Repulsa, terror, gratidão, mau humor, curiosidade – pegue todas as emoções uma a uma e veja o que seriam sem a referência intrínseca à ideia ou ao objeto. Mesmo a emoção patológica ou sem objeto é desta forma apenas para o observador racional. Para o sujeito da experiência (se posso arriscar usar esse termo), ela inclui imediatamente seu próprio objeto como fonte ou objetivo. Esse sentimento de depressão deve ter sua razão; o mundo está escuro e sombrio; ninguém me entende; eu tenho uma doença terrível; eu cometi um pecado imperdoável. Essa sensação de euforia deve ter sua referência ideal; eu sou uma pessoa encantadora, sou um dos eleitos, ou recebi um milhão de dólares.³¹

É talvez aqui que a necessidade de uma reconstrução que nos permitirá situar todas as fases de uma experiência emocional completa torna-se mais urgente. Na declaração do Sr. James, a experiência é aparentemente (aparentemente, digo eu; não sei o quanto se deve à exigência da discussão que necessita de um isolamento aparente) dividida em três partes distintas: primeiro vem o objeto ou ideia que opera apenas como estímulo; em segundo lugar, o modo de comportamento considerado como descarga desse estímulo; terceiro, o *Afeto*, ou excitação emocional, como a repercussão dessa descarga. Não há tal sequencialidade ou separação atribuída à emoção como experiência. Tampouco a análise reflexiva parece estabelecer essa ordem como a melhor expressão da emoção como objeto de abstração psicológica. Poderíamos quase inferir, pelo modo como o Sr. James escreve, que ele acredita na composição atômica ou mosaico da consciência, com a qual ele lidou tão eficazmente no caso da consciência intelectual. Seja

30 Suponho que essa separação entre o “sentimento” e a atitude prática é precisamente o que faz a diferença entre uma experiência emocional e uma experiência sentimental. O fato de que o “sentimento” pode ser amplamente, embora nunca totalmente, simulado, pela indução de certas excitações orgânicas para além da prontidão prática normal para se comportar de certa maneira, desempenhou um papel suficientemente grande em nossas religiões “evangélicas”. A profundidade, de um certo modo, e o vazio, de um outro modo, dos sentimentos religiosos induzidos subjetivamente parecem-me, por si só, uma ilustração admirável da verdade da afirmação principal de James.

31 Não quero dizer, é claro, que toda emoção “patológica” cria uma ilusão intelectual; mas ela carrega consigo um colorido intelectual alterado, uma direção diferente da atenção.

como for, o Sr. James certamente nos fornece, na motivação subjacente deste “capítulo” sobre a emoção, um instrumento adequado de reconstrução. Trata-se da ideia de que a descarga orgânica é uma reação instintiva, não uma resposta a uma ideia como tal.

Seguindo o exemplo dessa ideia, somos facilmente levados à conclusão de que *o modo de comportamento é o principal, e que a ideia e a excitação emocional são constituídas ao mesmo tempo; que, de fato, elas representam a tensão de estímulo e resposta dentro da coordenação que constitui o modo de comportamento.*

É pura interpretação reflexiva dizer que a atividade na raiva é estabelecida pelo objeto, se por objeto queremos dizer algo conscientemente apreendido como objeto. Essa interpretação, se a forçarmos para além de um mero modo de falar em direção aos fatos em si, torna-se um caso de falácia psicológica. Se minhas alterações corporais de coração acelerado, pernas trêmulas que correm, pontadas no estômago, intestinos soltos, etc., se seguem e crescem a partir do reconhecimento consciente, *qua* reconhecimento consciente, de um urso, então não vejo outra saída senão admitir que o urso já é um urso do qual temos medo - nossa ideia deve ser a do urso como um objeto temido. Mas se (como a ideia fundamental do Sr. James implicaria, seja qual for seu modo ocasional de expressão) essa reação não é ao urso como *objeto*, nem à *ideia* do urso, mas simplesmente expressa uma coordenação instintiva de duas tendências orgânicas, então o caso é bem diferente. Não é a ideia do urso, ou do urso como objeto, mas um certo *ato de ver*, que por hábito, herdado ou adquirido, configura outros atos. É esse tipo de *coordenação de atos* que, trazido à consciência experiencial, constitui o urso como um objeto temido, risível ou indiferente. A seguinte frase de James, por exemplo, (1894, p. 518) parece envolver uma mistura de sua própria teoria com aquela que ele está empenhado em combater: “seja qual for nossa reação à situação, ela é, em última instância, uma *reação instintiva* a um de seus elementos que nos parece, no momento, *mais vitalmente importante*.” A concepção de uma reação instintiva é a ideia relevante; a da reação a um elemento “que nos parece importante”, a ideia incongruente. O elemento nos pareceria, mesmo *antes* da reação, importante? Então, com certeza, já teria valor emocional; a situação já é alegre e para ser perpetuada, ou terrível e para ser evitada, ou seja, o que for. O que significa o reconhecimento de importância para além da atribuição de valor, isto é, para além da projeção da experiência emocional?³² Mas não acho que a expressão de James nesta e em outras passagens semelhantes deva ser tomada literalmente. A reação não é feita com base na apreensão de alguma qualidade no objeto; é feita a partir de um hábito organizado, de uma coordenação organizada de atividades, uma das quais estimula instintivamente a outra. O resultado dessa coordenação de atividades constitui, pela primeira vez, o objeto com tal e tal significado – terrível, encantador etc. – ou constitui uma emoção referente a tal e tal objeto. Pois, devemos insistir mais uma vez, o objeto assustador e a emoção do medo são dois nomes para a mesma experiência.

Aqui, então, está nosso ponto de partida para colocar o “sentimento”, a “ideia” e o “modo de comportamento” em relações recíprocas. A ideia ou objeto que precede e estimula a descarga corporal não é, em nenhum sentido, a ideia ou objeto (o conteúdo intelectual, o “sobre” ou “por conta de”) da emoção ela mesma. A ideia particular, a qualidade ou objeto específico ao qual o episódio se liga, deve-se tanto à descarga quanto ao próprio episódio. Mais precisa e definitivamente, a ideia ou o objeto é uma abstração da atividade tanto quanto o “sentimento” ou episódio o são. Temos certas atividades orgânicas iniciadas, digamos, nos olhos, que estimulam, por meio de caminhos organizados de associação no cérebro, certas atividades das mãos, pernas, etc., e (por meio da coordenação dessas atividades motoras com as funções vegetativas necessárias para mantê-las) dos pulmões, coração, sistema vasomotor, órgãos digestivos, etc. O “urso” é, psicologicamente, tanto uma discriminação de certos valores dentro desse pulso total ou coordenação de ação, quanto o é o sentimento do “medo”. O “urso” é constituído pelas

32 Parece-me que a aplicação da teoria da emoção de James à sua teoria da atenção daria resultados muito interessantes. Tal como ela é, a teoria da atenção da seleção preferencial com base no interesse parece contradizer a teoria do valor emocional como *resultado* da seleção preferencial (isto é, reação específica). Mas a contradição é mais flagrante no caso do esforço, considerado, primeiro, como emoção, e, depois, como uma operação da vontade.

excitações dos centros visuais e táteis coordenados, assim como o terror o é pelas perturbações do sistema muscular e glandular. A realidade, a coordenação dessas atividades parciais, é a atividade completa que pode ser descrita igualmente bem como “aquele urso terrível” ou “como estou assustado”. É precisa e identicamente a mesma experiência concreta real; o “urso”, considerado como uma experiência, e o “medo”, considerado como outra, são distinções introduzidas pela reflexão sobre essa experiência, não experiências separadas. Temos novamente a falácia psicológica quando as diferenças que resultam da reflexão são transportadas para a experiência ela mesma. Se o medo vier, então o urso não é o urso daquela experiência particular, não é o objeto ao qual o sentimento se liga, *exceto* quando o medo vem. Qualquer outra suposição confunde o urso abstrato da ciência com o concreto (*somente esse*) urso da experiência.

Este ponto pode ser ainda mais enfatizado pela objeção que o Sr. Irons levantou contra a teoria de James (1894, p. 85): “como pode um processo perceptivo por si só impregnar com calor emocional a fria intelectualidade de outro?” Observe aqui a suposição de dois “processos” distintos, aparentemente reconhecendo-se como distintos, ou de alguma forma marcados como diferentes em si mesmos. O ponto contínuo da objeção do Sr. Irons é que o Sr. James faz dos “estados” intelectuais e emocionais (valores), ao mesmo tempo, o conhecimento de um objeto e a emoção a que se refere, ambos devidos a correntes periféricas, e não se pode supor que o mesmo tipo de corrente induza coisas radicalmente diferentes como um processo intelectual e outro emocional. A objeção ignora inteiramente o fato de que temos apenas um pulso orgânico, o urso assustador, o homem assustado, cuja realidade é toda a coordenação concreta da atividade de olhos – pernas – coração, etc., e que a distinção entre intelectualidade fria e emocionalidade calorosa é simplesmente uma distinção *funcional* dentro desse conjunto de ação. Tomamos uma certa fase que serve a um certo fim, a saber, nos dar informações, e chamamos isso de intelectual; pegamos outra fase, tendo outro fim ou valor, o da excitação, e chamamos isso de emocional. Mas será que alguém supõe que, *à parte de nossa interpretação dos valores*, existe um processo em si mesmo intelectual e outro processo em si mesmo emocional? Não consigo nem ao menos conceber uma noção do que isso significaria. Posso ver que o processo de visão e tato nos fornece principalmente informações, e por isso o chamamos de intelectual; e que o processo do coração e entranhas nos fornece a valoração dessas informações em termos do nosso bem-estar interno – mas, para além dessa distinção de valores em um todo concreto, por meio da reflexão, não consigo ver mais nada.

Se, portanto, posso parafrasear a fraseologia do Sr. James, a afirmação seria a seguinte: nossa análise costumeira, que lê na própria experiência o que descobrimos ao interpretá-la,³³ diz que temos uma ideia do urso como algo a ser evitado e, portanto, fugimos. A hipótese aqui proposta é que os fatores de coordenação (seja por instinto herdado ou por hábito adquirido individualmente) começam a operar e fugimos; fugindo, temos a ideia de “fugir-do-urso” ou “urso-como-coisa-a-se-fugir”. Suponho que todos admitiriam que a ideia completa e madura surgiu apenas no momento da fuga, mas pode-se sustentar que uma sugestão embrionária de fuga veio antes dela. Não posso contestar essa hipótese, mas tudo parece apontar para outra direção. É mais natural supor que, assim como a ideia completa de fugir surge da execução completa, a sugestão embrionária surge mediante um início vago do sistema, mediado pela descarga dos centros.

A ideia de fugir certamente deve envolver, como parte de seu conteúdo, uma excitação dos “centros motores” que realmente participam da fuga; parece que essa excitação deve envolver alguma inervação, por menor que seja, do aparato periférico envolvido no ato.³⁴ Que fundamento há para supor que a ideia venha à consciência senão pelo retorno sensorial dessa excitação periférica? Existe alguma afirmação concebível, seja em termos de introspecção ou de estrutura nervosa, de uma ideia de movimento que

33 Isso é simplesmente uma circunlocução para “bom senso”. O bom senso é prático e, quando somos práticos, é o valor de nossa experiência, o que podemos tirar dela, ou pensamos que podemos, que nos atrai. A última coisa que nos preocupa é o processo real de experienciar, enquanto processo. Quase se poderia dizer que a única dificuldade em psicologia, do lado introspectivo, é evitar essa substituição da experiência em si por uma interpretação prática da experiência.

34 Não quero dizer que essa inervação venha à consciência como tal; pelo contrário.

vem à consciência de forma absolutamente não mediada periféricamente? A consciência sensorial, mediada pela corrente entrante, é um fato indiscutível; é *vera causa*. Colocando as duas hipóteses lado a lado simplesmente como hipóteses, certamente a vantagem lógica da economia e do apelo à *vera causa* está do lado da teoria que concebe a ideia de movimento em termos de uma onda de retorno de descarga, contra aquela que quer torná-la um assunto puramente central.³⁵

Mas isso está longe de ser tudo. Suponho que agora tenhamos o direito de partir do pressuposto de um contínuo sensorial, a “confusão barulhenta e exuberante” da qual se diferenciam os *quales* sensoriais particulares. Discriminação, e não integração, é o verdadeiro problema. De modo geral, todos admitimos que é por meio da atenção que surgem as distinções, por meio do enfoque seletivo. Agora, não apenas podemos contar com o crescente sentimento de que a atenção está de alguma forma ligada ao ajuste e à reação motora, mas também podemos apontar para os fatos específicos da discriminação sensorial que mostram que, de fato, a amplitude e a precisão da discriminação ocorrem paralelamente ao aparato de ajustes motores. Também podemos mostrar que, no único caso em que até agora houve uma tentativa séria de se investigar os detalhes da discriminação, ou seja, as distinções espaciais, todos concordam que elas ocorrem mediante ajustes motores — a questão de saber se as sensações “musculares” ou as sensações da superfície das articulações são primárias não tem importância alguma. Sendo esse o caso, como pode o estímulo específico que excita a descarga ser definido como *este* ou *aquele* objeto para além de nossa reação a ele? Não me interessa adentrar na metafísica das qualidades objetivas, mas lidando simplesmente com o reconhecimento psicológico de tais qualidades, que base ou padrão de definição qualitativa podemos ter, senão a consciência das diferenças em nossa própria resposta orgânica? O urso pode ser mil vezes uma entidade individual ou objeto metafisicamente distinto, se assim desejarmos; podemos até supor, se assim desejarmos, que os comprimentos de onda específicos refletidos do urso de alguma forma se separam dos comprimentos de onda provenientes do resto do ambiente e chegam ao cérebro como um feixe ou pacote distinto por si mesmo – mas o reconhecimento de apenas *este* objeto na multidão de objetos possíveis, de apenas *este* feixe de vibrações entre todos os outros, ainda precisa ser explicado. A resposta motora predominante fornece as condições para sua objetificação, ou seleção. Não há hipótese rival envolvendo qualquer outra maquinaria.

Retornamos, então, confirmados, à nossa crença de que o modo de comportamento, ou coordenação de atividades, constitui o conteúdo ideal da emoção, tanto quanto o *Afeto* ou o “sentimento”, e que a distinção entre esses dois não é dada na própria experiência, mas simplesmente na reflexão sobre a experiência. O modo de ação constituído pela coordenação orgânica de certas atividades sensório-motoras (ou ideomotoras), de um lado, e de certas atividades vegetomotoras, do outro, é a realidade, e essa realidade tem um valor, que, quando interpretado, chamamos de intelectual, e um valor que, quando interpretado, chamamos de *Afeto*, ou “sentimento”. Nos termos de nossa ilustração, o modo de comportamento traz consigo o conceito do urso como uma coisa a ser tratada de uma determinada maneira, e do “sentimento” de nossa reação. É marrom e está preso – um objeto “belo” de se olhar. É macio e fofo – um objeto “estético” para ser apalpado. É manso e desajeitado – um objeto “divertido” para se passar o tempo. Está com fome e com raiva – um objeto “feroz” do qual fugir. A consciência de nosso modo de comportamento como fonte de dados para outras ações possíveis constitui o urso com um conteúdo objetivo ou ideal. A consciência do modo de comportamento como algo em si – olhar, acariciar, correr etc. – constitui o episódio emocional. Em toda experiência concreta de emoção, essas duas fases estão organicamente unidas em um único pulso de consciência.

35 Há ainda fundamentos lógicos adicionais para esperar a concordância daqueles que aceitam o ponto de vista geral do Sr. James. Sem mencionar a insistência na consciência como essencialmente reativa ou motora, “ideia” e apreensão emocional estão interligadas. O medo-do-urso, o urso-como-objeto-temido não podem ser separados. Além disso, quando eu faço uma introspecção nas “margens” do meu fluxo de pensamento, sempre encontro sua base sensorial particular em mudanças de direção e quantidade de respiração, e outros ajustes sutis, tão certamente quanto consigo identificar a base sensorial para minhas apreensões emocionais. *A priori*, é difícil ver o que as “margens” poderiam ser, além do sentimento do acompanhamento contínuo de atos abortados, tendo seu valor momentâneo apenas como sinais ou pistas, mas originalmente completos em si mesmos.

Segue-se disso que toda emoção, como excitação, envolve inibição. Não é uma inibição absoluta; não é supressão ou deslocamento. É incidental à coordenação. Os dois fatores da coordenação, o “estímulo excitante” e a resposta excitada, devem ser ajustados, e o período de ajuste requerido para afetar a coordenação marca a inibição de cada um, necessária para efetuar sua reconstrução como parte integrante do ato completo. Ou, já que reconhecemos que o estímulo excitante não existe como fato, ou objeto, até que seja constituído como tal pela coordenação no ato final, podemos dizer que as atividades que necessitam de ajuste, e, portanto, de inibição parcial, são as cinestésicas (sensorio-motoras ou ideomotoras) que se traduzem no “objeto”, e as atividades vegetomotoras que constituem a “reação” ou “resposta” ao “objeto”.

Mas aqui, mais uma vez, a fim de evitar seguir pelo caminho errado, deve-se observar que essa distinção entre “objeto” e “resposta” é uma distinção de interpretação, ou valor, e não uma diferença simples na experiência. Já tentei mostrar que o próprio “objeto” é uma excitação orgânica do lado sensorio-motor, ou, mediamente, ideomotor, e que não é o objeto peculiar da emoção até que o modo de comportamento se instaure e a onda difusiva repercute na consciência. Mas é igualmente necessário reconhecer que a própria distinção entre atividade sensoriomotora excitante ou estimulante e atividade vegetomotoras excitada ou responsiva é teleológica e não meramente factual. É porque essas duas atividades devem ser coordenadas em um único ato, para alcançar um único fim, e, portanto, devem ser ajustadas de forma a cooperar uma com a outra, que se apresentam como estímulo e resposta. Quando consideramos uma atividade, digamos, a atividade sensorio-ideo-motora, que constrói ou constitui o urso como um “objeto”, não em si mesmo, mas do ponto de vista do ato final no qual ele se funde – parar para olhar o urso e estudá-lo cientificamente, ou apreciar seus movimentos desajeitados – que essa atividade assume a forma de estímulo. Assim, a atividade vegetomotora, que é, em si mesma, como experiência direta, simplesmente a continuação orgânica intrínseca da atividade sensoriomotora, novamente interpretada como um fator reduzido do – ou uma contribuição para – o resultado, assume a forma de resposta. Mas, repito, esta distinção de estímulo e resposta é uma distinção de interpretação, uma interpretação do ponto de vista do valor de algum ato considerado como um fim realizado.

A verdade positiva é que as partes anteriores e posteriores de uma atividade estão em operação conjunta; que a atividade anterior, além de passar para a sucessão, também persiste por si mesma, ainda que o ato necessário não possa ser realizado até que essas duas atividades se reforcem ou se tornem fatores contributivos para um ato unificado. O ápice do episódio emocional corresponde a esse período de adaptação. Se olharmos para a deflexão ou reconstrução que ambos os lados sofrem durante esse ajuste, chamaremos isso de inibição – é a interrupção da descarga que a atividade realizaria, se existisse por si só. Se olharmos para o resultado, para o ajuste concluído, temos a coordenação.

Acredito que deve ser óbvio que esta explicação de forma alguma contradiz a negação do Sr. James da inibição como uma fase necessária do *Afeto* (1890, p. 476, nota). Nesse caso, ele fala de inibição como se só pudesse significar a supressão completa – o que não é de modo algum a inibição psicológica, uma vez que, com a supressão ou deslocamento, toda tensão desaparece. Trata-se, de fato, de uma questão de tendências impulsivas primárias, mas dessas tendências em conflito entre si e, portanto, se verificando mutuamente, pelo menos temporariamente. Os atos que foram no passado atividades *completas* agora se apresentam como fases contemporâneas de uma única atividade. Na medida em que cada uma delas era antes completa em si mesma, há uma luta para que cada uma absorva ou negue a outra. Isso tem de ocorrer, ou então há um reajuste e surge um novo todo, ou uma nova coordenação, em que elas agora são fatores contributivos. Uma vez resolvida a inibição, seja pelo deslocamento de um ou pela reconstrução de ambos os fatores em conflito, o *Afeto* desaparece.

Esse tipo de inibição é não apenas permitido, mas exigido pela teoria de James – caso contrário, toda a relação entre o estímulo excitante e a resposta instintiva – o ponto forte da teoria – desapareceria. Se o estímulo excitante não persistir na resposta excitada, temos simplesmente um caso de hábito. O fato familiar de que a emoção, como excitação, desaparece com a definição do hábito significa simplesmente

que, na medida em que uma atividade serve *simplesmente* como meio, ou estímulo, para outra, e imediatamente dá lugar a ela, não há base para conflito e inibição. Mas se as atividades estimulantes e induzidas precisam ser coordenadas juntas, se ambas são meios que contribuem para o mesmo fim, então as condições para o mero hábito são negadas, e algum conflito, com uma deflexão inibitória incidental da atividade imediata, se instaura. Em termos psicológicos, essa tensão é sempre entre a atividade que constitui, quando interpretada, o objeto como um conteúdo intelectual, e a que constitui a resposta ou modo de se lidar com ele. Existe uma fase de atividade orgânica que constitui o urso como objeto; há outra que o atacaria, ou fugiria dele, ou permaneceria firme diante dele. Se estas duas se coordenam *sem atrito*, ou se uma desloca imediatamente a outra, não há episódio emocional. Se eles coexistem, separando-se como completas em si mesmas e agrupando-se como partes de um novo todo, há grande excitação emocional.³⁶ É esta tensão que torna impossível descrever qualquer emoção sem usar termos dualistas – um para o próprio *Afeto*, o outro para o objeto “no”, “em direção a” ou “por causa de”, que o provoca.

Podemos agora conectar essa análise com o resultado de nossa consideração das atitudes emocionais. A atitude é precisamente aquela que antes era uma atividade completa, mas não é mais. A atividade de capturar uma presa ou atacar um inimigo, um movimento que tem seu significado em si mesmo, é agora reduzida ou abortada; é simplesmente uma atitude. Como uma reação instintiva, está profundamente enraizada no sistema; representa as coordenadas reais de milhares e milhares de ancestrais; tende, portanto, a entrar em ação sempre que seu estímulo associado ocorre. Mas o próprio fato de que agora é reduzida a uma atitude ou tendência, o próprio fato de que agora é *relativamente* fácil aprender a controlar a reação instintiva cega quando somos estimulados de certa forma, mostra que a atividade primária é inibida; ele não existe mais como um todo em si mesma, mas simplesmente como uma fase coordenada, ou um meio contributivo, em uma atividade maior. Não há razão para supor que a atividade original de ataque ou excitação foi emocional, ou teve qualquer *quale* ligada a ela, como o que agora chamamos de “raiva”. O animal ou nosso ancestral, na medida em que se entregava sem restrições à atividade plena, sem dúvida tinha um sentimento de atividade; mas apenas porque a atividade não era dividida, não era ‘emoção’; não era “em” ou “em direção a” um objeto mantido em tensão contra si mesmo. Essa divisão só poderia ocorrer quando houvesse necessidade de coordenar a atividade que correspondia à percepção e a que correspondia à luta, como meio para uma atividade que não era nem perceber, nem lutar. O animal rosnando e balançando a cauda enquanto *espera* para lutar pode ter uma consciência emocional, mas mesmo aqui, pode haver, pelo que sabemos, simplesmente uma consciência unificada, uma concentração completa no ato de manter essa postura, em que o ato de esperar é a resposta *adequada* ao estímulo dado. Certamente,³⁷ tanto quanto posso confiar em minha própria introspecção, sempre que minha raiva ou qualquer emoção forte toma posse completa de mim, o *quale afetivo* peculiar desaparece. Lembro-me bem de uma briga juvenil, das emoções de irritação e raiva antes do evento, e de medo e orgulho parciais após seu término, mas quanto ao período intermediário da luta, tudo o que me resta é uma percepção estranhamente vívida do rosto do outro garoto como o foco hipnotizante de todas

36 Ver James (1890, p. 496-497). Mas, particularmente, eu aplicaria à diferença entre a consciência relativamente indiferente e a consciência emocionalmente excitada precisamente o que James diz sobre a diferença entre o pensamento habitual e o racional (1890, p. 366). “No primeiro, todo um sistema de células vibrando a qualquer momento se descarrega em outro sistema, a ordem das descargas tende a ser constante no tempo; enquanto no segundo uma parte do sistema anterior continua vibrando em meio ao sistema subsequente, e a ordem... tem pouca tendência à fixidez no tempo”. Acrescente-se a isso que é necessário realizar um ato unificado – ou reconstituir um sistema único e abrangente, e a realidade (embora de caráter estritamente incidental) da inibição se torna evidente.

37 Não tenho a menor intenção de construir, *a priori*, a consciência animal. Menciono isso apenas como ilustração hipotética; se há unificação da atividade, então não há emoção; se há emoção, então há tensão entre o reconhecimento intelectual de um lado e a consideração de como se comportar em relação ao objeto reconhecido do outro. Devo acrescentar, no entanto, que interpretações como a do guarda-chuva de Darwin (1871), como ilustração de um sentido rude do sobrenatural, me parecem injustificadamente antropomórficas. Certamente, a única interpretação direta é que houve interrupção de uma reação cuja descarga já havia se iniciado, e que tal mudança no estímulo repentinamente criou outra descarga totalmente contrária à primeira, desintegrando assim momentaneamente as coordenações do animal. A menos que o animal reconheça ou objetifique a reação familiar, e reconheça também a reação inesperada de tal forma que haja tensão entre as duas, não pode haver emoção no animal, mas simplesmente o choque da atividade interrompida – o tipo de ajuste do qual James fala (1890, p. 420). Pode ser que o sentimento do sobrenatural no ser humano, no entanto, seja precisamente o sentimento dessa tensão – em vez de haver uma ideia do sobrenatural, e, então, um sentimento associado de terror em relação a ele.

as minhas atividades musculares. Por outro lado, meus sentimentos de raiva mais intensos e vingativos estão associados a casos em que todo o meu corpo estava posicionado de modo a impedir a reação normal. Todos sabem como o sentimento de injustiça aumenta com o sentimento de impotência; é, por exemplo, quando os golpes estão começando a falhar que a violência por raiva ou vingança, distinta da pura criminalidade, se instala. É um lugar-comum dizer que o filantropo ocupado não tem oportunidade de sentir a emoção extrema do *pathos* que o espectador ou leitor de literatura sente. Os casos podem ser multiplicados *ad libitum*.

É então na redução das atividades anteriormente realizadas por si mesmas, para atitudes agora úteis simplesmente por fornecer um fator contributivo, reforçador ou de verificação, em alguma atividade mais abrangente, que encontramos todas as condições para um episódio emocional intenso. A tendência a grandes ondas difusivas de descarga está presente, e a inibição dessa atividade de saída por meio de alguma percepção ou ideia também está presente. A necessidade de se chegar, de algum modo, a um ajuste entre esses dois lados é urgente. A atitude representa uma recapitulação de milhares de atos anteriormente realizados, fins anteriormente alcançados; a percepção ou ideia representa uma multiplicidade de atos que podem ser feitos, fins que podem ser alcançados. Mas a necessidade imediata e presente é conectar essa atitude de raiva, que reflete o ato anterior de capturar, com o ato de retaliação ou controle moral, seja lá qual for a ideia. O conflito e a competição, com a inibição e a deflexão incidentais, são os distúrbios do episódio emocional.

Com base nisso, a aparente estranheza ou absurdo do fato de uma mera repercussão orgânica ter valores tão tremendos na consciência desaparece. Esse retorno orgânico da onda de descarga representa todo o esforço do organismo para ajustar seus hábitos formados ou coordenações do passado às necessidades presentes, conforme reveladas na percepção ou ideia. A emoção é, *psicologicamente falando*, o ajuste ou tensão entre hábito e ideal, e as mudanças orgânicas no corpo são a concretização literal da luta de ajuste. Podemos lembrar mais uma vez das três fases principais apresentadas neste ajuste como base para a classificação das emoções. Pode haver uma falha no ajuste da função vegetomotora, o hábito, à função sensorio(ou ideo)motora; pode haver esforço ou pode haver sucesso. O esforço, além disso, tem também uma forma dupla, a depender se a tentativa é principalmente usar as reações formadas para evitar ou excluir a ideia ou objeto, estabelecendo outro em seu lugar, ou incorporá-lo e assimilá-lo – i. e., terror e raiva, medo e esperança, arrependimento e complacência etc.³⁸

Não realizarei esta classificação aqui; mas sugiro ainda que, em meu julgamento, agora temos os meios para discriminar a emoção como *Gefühlston*³⁹, como episódio emocional, ou *Afeto* (com o qual temos lidado até agora), e como interesse.

O interesse é o sentimento que surge com a coordenação completa. Deixe que a tensão se resolva mediante sucessivos deslocamentos no tempo, i. e., por meios assumindo uma forma puramente serial em que um estimula o próximo, e obtemos a indiferença da rotina. Mas se os vários meios conseguirem se organizar em um todo abrangente de ação simultânea, teremos o interesse. Todo interesse, enquanto interesse, seguir-se-ia disso, de forma qualitativamente semelhante, diferenciado simplesmente pela ideia à qual se vincula. E a experiência parece verificar essa inferência. O interesse é ação imperturbada, ação absorvente, ação unificada, e todos os interesses, como interesses, são igualmente interessantes. A coleção de selos postais é tão absorvente, se é de fato absorvente ou interessante, quanto a descoberta de estrelas duplas; e o cálculo de colunas indefinidas de estatísticas é tão absorvente quanto a descoberta

38 Devido à tensão, no entanto, esses estados não podem ser colocados uns contra os outros de forma absoluta. Todo terror, até que se transforme em medo patológico, envolve raiva, e raiva envolve algum medo etc. Toda experiência moral está repleta de formas sutis e enganadoras pelas quais o arrependimento (condenação) e a complacência (autoaprovação) se entrelaçam. Há o fariseu que só pode manter seu senso de bondade própria através da tensão com seu pensamento do mal; ou que pode tornar seu remorso profundo material para autocongratulação. E há o caráter sentimental egoísta que disfarça sua própria desgraça reconhecendo emocionalmente a beleza da bondade e suas próprias desventuras em não ser capaz de satisfazer esse ideal no passado. Nunca conheci outros tributos tão comoventes à bondade como os que podem surgir do egoísta sentimental quando ele entra em "dificuldades", como ele eufemisticamente as chama.

39 No original em alemão: o tom afetivo associado a uma dada sensação (Nota do Tradutor).

da natureza da empatia. Isso não é um princípio patológico, como poderia parecer se citássemos apenas modismos ou *hobbies*. A multiplicidade de tarefas que exigem ações neste mundo é grande demais para ser contada; o princípio que assegura que, se apenas uma atividade plena ou orgânica se dedicar a cada fim, cada ato igualmente se satisfará em seu tempo e lugar, é o mais alto princípio ético; é a afirmação da única experiência emocional religiosa que realmente parece valer a pena – o sentido da validade de todo fazer necessário. Não posso me deter nesse assunto de interesse, mas sugiro o caso do interesse puramente científico como crucial. Por um lado, parece totalmente sem emoção, tão livre de qualquer perturbação ou excitação que possa se tornar; por outro, representa a culminação da absorção, da atenção concentrada. Como esse aparente paradoxo deve ser tratado, exceto na suposição de que a emoção (como *Afeto*) é o sentimento de tensão em ação, enquanto o interesse é o sentimento de um complexo de atividades relevantes unificadas em um único canal de descarga, eu não consigo conceber.

Quanto ao *Gefuhlston*, mencionarei apenas a conclusão que parece decorrer de uma aplicação rigorosa do princípio já estabelecido. Não sei se essa aplicação é aconselhável, muito menos necessária, mas compartilho um pouco do sentimento do Sr. Baldwin expresso na edição de novembro (1895, p. 617) deste periódico, de que há uma presunção de que um princípio unitário se sustenta ao longo de todo o processo.⁴⁰ De qualquer forma, aqueles que me seguiram até aqui podem apreciar como a hipótese proposta pode se aplicar concebivelmente ao caso de, digamos, deleite em certos tons, cores ou sabores, enquanto aqueles que não aceitam a hipótese dificilmente se chocarão com mais esse absurdo.

A sugestão, então, é que o *Gefuhlston* representa a consolidação completa de um grande número de fins alcançados em hábito orgânico ou coordenação. É o interesse visto ao contrário. Isso representa a identificação completa dos hábitos com um determinado fim ou objetivo. O tom do sentimento sensorial representa a reação, a identificação incorporada dos fins bem-sucedidos no hábito em funcionamento. Não é, como indiquei até agora, o hábito como hábito que se torna insensível; é apenas o hábito que serve como mero meio ou estímulo serial. O fato de que uma dada coordenação possa assumir em si o valor de todas as coordenações associadas é um fato da experiência cotidiana. Nossa consciência visual assume para si o valor de incontáveis experiências motoras e táteis; nosso ouvido capta o valor das experiências motoras e visuais etc. Não há razão aparente para que essa suposição vicária não possa se registrar organicamente – *pace* Weissman – a ponto de se tornar hereditária; e se tornar mais e mais funcionalmente incorporada na estrutura.

Para resumir: Certos movimentos, outrora úteis em si mesmos, se reduzem a tendências para a ação, a atitudes. Como tais, servem, quando instintivamente estimulados à ação, como meios para a realização de fins. Mas, na medida em que há dificuldade em ajustar a atividade orgânica representada pela atitude com aquilo que representa a ideia ou o fim, há luta temporária e inibição parcial. Isso é relatado como *Afeto* ou apreensão emocional. Quando a coordenação é efetuada em um só ato, em vez de em uma série sucessiva de estímulos mutuamente exclusivos, temos o interesse. Se essas coordenações se tornam inteiramente habituais e hereditárias, temos *Gefuhlston*.

Referências:

BALDWIN, J.M. Types of Reaction. *Psychological Review*, v. 2, p. 259-273, 1895. <https://doi.org/10.1037/h0068783>.

CARVALHO, F. N. Perceiving emotions in (and through) social interactions: a deweyan account. *Cognitio*, v. 23, n. 1, p. 1–10, 2022. <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2022v23i1:e59110>.

40 Não me parece justo, entretanto, acusar o Sr. James de inconsistência porque ele se recusa a forçar sua teoria para além dos limites dos fatos sobre os quais ele presume ter um controle seguro. Certamente podemos admirar essa reserva, mesmo que não possamos imitá-la, em vez de acusá-lo virtualmente de abandonar toda a sua teoria ao admitir, hipoteticamente, a existência de fatos cuja explicação exigiria um princípio oposto.

- COLOMBETTI, G. Enactive appraisal. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, v. 6, n. 4, p. 527–546, 2007. <https://doi.org/10.1007/s11097-007-9077-8>.
- DAMASIO, A.R. *Descartes' Error: Emotion, Reason, and the Human Brain*. New York, G.P. Putnam, 1994.
- DARWIN, C. *The descent of man, and Selection in relation to sex. Vol. 1*. Londres: John Murray, 1871.
- DARWIN, C. *The expression of the emotions in man and animals*. Boston: D. Appleton & Co, 1872.
- DEWEY, J. Psychology. In: DEWEY, J. *The Early Works of John Dewey*. Vol. 2: 1882-1898. Chicago: Southern Illinois University Press, 1967, p. 7-363.
- DEWEY, John. The Theory of Emotion I: Emotional Attitudes. *Psychological Review*, v. 1, n. 6, p. 553-569, 1894. <https://doi.org/10.1037/h0069054>.
- DEWEY, John. The Theory of Emotion II: The Significance of Emotions. *Psychological Review*, v. 2, p. 13-32, 1895. <https://doi.org/10.1037/h0070927>.
- GRIFFITHS, Paul; SCARANTINO, Andrea. Emotions in the Wild: The Situated Perspective on Emotion. In: ROBBINS, P; AYDEDE, M. (Orgs.). *The Cambridge Handbook of Situated Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 437-453.
- IRONS, D. Prof. James' Theory of Emotion. *Mind*, v. 3, p. 77-97, 1894. <https://doi.org/10.1093/mind/III.9.77>.
- JAMES, W. As emoções (1890). Trad. Daniela Cerdeira e Gallia Bronowski. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 11, n. 4, p. 669-674, 2008. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142008000400013>.
- JAMES. W. The physical basis of emotion. *Psychological Review*, v. 1, p. 516-529, 1894.
- JAMES, W. *The principles of psychology. Vol. 2*. Nova York: Henry Holt and Co., 1890.
- JAMES. W. The physical basis of emotion. *Psychological Review*, v. 1, p. 516-529, 1894. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.101.2.205>.
- JAMES, W. What is an Emotion? *Mind*, v. 9, n. 34, p. 188-205, 1884. <http://dx.doi.org/10.1093/mind/os-IX.34.188>.
- MAIESE, M. How can emotions be both cognitive and bodily?. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, v. 13, n. 4, p. 513-531, 2014. <https://doi.org/10.1007/s11097-014-9373-z>.
- PRINZ, J. *Gut reactions: A perceptual theory of emotion*. Oxford: Oxford University Press, 2004.



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 22, n. 1, p. 1-23, jan.-dez. 2021
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2021v22i1:e67530>